

ECCE INTERUM CRISPINUS.

No artigo da autoria do Sr. Alexandre Gaspar da Naia que antecede estas ligeiras notas, não só somos citados cinco vêzes, como criticadas são diversas passagens dos nossos trabalhos históricos, o que como é óbvio, nos obriga a dizer algo sôbre o assunto que êste escritor ora aborda.

Depois das profundas análises de documentos seguidas de irretorquíveis críticas de Morison (1), Duarte Leite (2), Damião Peres (3) e de outros eruditos historiôgrafos que evidenciaram a nenhuma razão de ser das pretensas prioridades dos nautas portugueses no descobrimento do Novo Mundo, já era tempo do Sr. Naia deixar de repetir as fantasias engendradas por Faustino da Fonseca (4), Jaime Cortesão (5), Joaquim Bensaude (6) e mais alguns escritores lusos, cada qual apontando por sua vez um nauta de sua predileção como precursor de Colombo no descobrimento da América.

Após a publicação das monumentais biografias do Almirante do Mar Oceano por Henry Harrisse (7), por Henry Vignaud (8) e por Samuel Eliot Morison (9), em hipótese alguma se justificam as conjecturas que constituem a história que o Sr. Naia continua a nos contar sôbre a vida e a nacionalidade do grande genovês.

-
- (1). — Samuel Eliot Morison, *Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century*. Cambridge, U.S.A., 1940. O Sr. Morison, que é almirante da frota de guerra dos Estados Unidos, é reconhecida autoridade em navegação à vela. Em 1939, Morison, Paul Hammond e William D. Stevens, organizaram a Expedição Colombiana de Harvard, em tudo semelhante à segunda de Colombo, inclusive o tamanho, tonelagem e apetrechos dos navios. A viagem correu normalmente, constatando Morison que as observações que constam do diário de Colombo, são exatas. No verão de 1940, Morison e mais o capitão Stevens, realizaram a primeira viagem do grande genovês, também em navio à vela, que confirmou o relato d'êste navegante. Outras viagens em navio de vela realizou Morison, percorrendo grande parte do Atlântico Norte e do Mar das Antilhas.
 - (2). — Duarte Leite, *Coisas de vária história*. Lisboa, 1941.
 - (3). — Damião Peres, *História dos Descobrimentos Portugueses*. Pôrto, 1943.
 - (4). — Faustino da Fonseca, *A descoberta do Brasil*. Lisboa, 1908.
 - (5). — Jaime Cortesão, *Arquivo Histórico da Marinha*. Lisboa, 1933, 1.º volume.
 - (6). — Joaquim Bensaude, *Lacunes et surprises de l'histoire des découvertes maritimes*. Coimbra, 1930.
 - (7). — Henry Harrisse, *Christoph Colomb, son origine, sa vie, ses voyages, sa famille et ses descendants*. Paris, 1884.
 - (8). — Henry Vignaud, *Études critiques sur la vie de Colomb avant ses découvertes*. Paris, 1905.
 - (9). — Samuel Eliot Morison, *Admiral of the Ocean Sea. A life of Christopher Columbus*. Boston, 1942.

Por mais que se esforcem os historiadores portugueses, entre êles o professor Duarte Leite (10), recentemente falecido, em negar a Vicente Yañez Pinzon e a Amerigo Vespucci a prioridade do descobrimento do Brasil, negativa esta que o Sr. Naia não se fatiga de repetir, a verdade é que mesmo aqui no Brasil, apesar dos preconceitos que dizem com afinidade de raça, a prioridade dêstes dois navegantes, principalmente de Pinzon, é aceita por um elevado número de intelectuais.

A viagem de Pinzon ao Brasil, onde chegou em janeiro de 1500, é comprovada: a) — pela legenda existente no mapa-múndi de Juan de la Cosa, desenhado em Andaluzia em 1500; b) — pela primeira década da obra de Pedro Martyr de Angleria, intitulada *De rebus oceanicis et novo orbe*, que Angelo Trevisan, secretário da embaixada de Veneza na Espanha, depois de agôsto de 1501, enviou ao almirante Domênico Malipiero, década essa que em 1504 Albertino Vercellese publicou em Veneza com o título *Libretto de tutta la navigazione del re de Spagna de le isole e terreni novamente trovati*; c) — pela capitulação que os Reis Católicos assinaram em Granada em 5 de setembro de 1501; d) — pelo depoimento do próprio Pinzon nos *Pleitos de Colón-Probanzas del Fiscal*; e) — pelo depoimento de várias testemunhas que depuseram no citado processo; f) — pelos historiadores contemporâneos dêsse navegante. De acôrdo com todos êsses documentos, resumidamente a viagem de Vicente Yañez Pinzon pode ser assim narrada: a expedição composta de quatro navios partiu de Palos a 18 de novembro de 1499 e, após ter tocado nas Canárias, seguiu para o arquipélago de Cabo Verde, onde aportou na ilha de Santiago. Desta ilha rumou para SSO e depois de percorrer cêrca de 540 léguas, chegou a expedição a uma terra ao sul do equador, a 26 de janeiro de 1500. Essa terra era o Brasil e o cabo a que Pinzon deu o nome de *Santa Maria de la Consolacion*, é o atual cabo de Santo Agostinho. Dêsse ponto seguiu a expedição para o norte acompanhando a costa até que descobriu um rio caudaloso a que deu o nome de *Mar Dulce* e que é o nosso Amazonas. Daí velejando, mas sempre avistando a costa, chegou Pinzon até o cabo Orange, a que denominou de *São Vicente* e a foz do rio Oyapok que batizou com o seu nome. Êste foi o último ponto do Brasil em que a expedição tocou, rumando então para noroeste.

Defendendo os direitos do Brasil na questão de limites com a França (questão do Amapá), afirmou o barão do Rio Branco, e a França não contestou, “que a costa setentrional do Brasil compre-

(10). — Duarte Leite, *Os falsos precusores de Álvares Cabral*. Portugália Editôra, Lisboa.

endendo a do território em litígio, foi descoberta em 1500 pelo navegante espanhol Vicente Yañez Pinzon” (11).

Quanto a Vespucci, incontestável é também a sua prioridade no que diz respeito ao descobrimento do nosso país. Desde 1788 até hoje, Stanislaw Canovai (12), Francisco Adolpho de Varnhagen (13), Henry Harrisse (14), Henry Vignaud (15), Alberto Magnaghi (16), Frederick J. Pohl (17), Roberto Levillier (18) e outros historiógrafos de incontestável merecimento, tendo por base farta documentação, inclusive a cartográfica, evidenciam que este navegante florentino antecedeu a Cabral no achado do Brasil.

O Sr. Naia afirma, porém, sem apresentar qualquer documento, apenas recorrendo, como é de seu costume às conjecturas, que Vespucci atingiu nas suas viagens à América Meridional, unicamente o litoral brasileiro na altura de Pôrto Seguro. Lamentamos que este escritor conhecendo superficialmente as viagens do grande florentino, queira “dar palpites” sôbre o percurso que este nauta fêz, quer em 1499-1500 quando navegou a serviço dos Reis Católicos, quer em 1501-1502 a rôgo do rei D. Manuel. Estranhamos que, não tendo estudado convenientemente a nomenclatura dos mapas de Cantino, Cavério, Kunstmann II, Pesero, Waldseemüller de 1507, Ruysch de 1508 e Schöner, procure o Sr. Naia abordar um assunto tão importante como é aquêlê que diz respeito às latitudes atingidas por Vespucci nas duas viagens ao Novo Mundo. Em todo caso, quem teria fornecido ao cartógrafo Cavério a rica lista de topônimos que notamos ao sul de Pôrto Seguro na sua carta desenhada antes do retôrno da expedição portugûesa que, a 24 de junho de 1503, descobriu a ilha de São João, hoje Fernão de Noronha, a não ser alguém que tenha participado da expedição de 1501-1502, na qual Vespucci desempenhou papel de notável relêvo como o de cosmógrafo? Será que o Sr. Naia esqueceu-se completamente dos dizeres do ato notarial do tabelião público Valentim Fernandes, lavrado em Lisboa a 20 de maio de 1503, onde afirma que a expedição de 1501-1502 atingiu alta latitude austral?

Alguns escritores portugûeses estão pouco a pouco modificando o juízo que faziam de Colombo. No comêço não admitiam

-
- (11). — Barão do Rio Branco, *Memoire présentée par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre entre le Brésil et la France*. Berna, 1889, volume I, página 47.
 - (12). — Stanislaw Canovai, *Elogio di Amerigo Vespucci*. Firenze, 1787.
 - (13). — Francisco Adolpho de Varnhagen, *Amerigo Vespucci, son caractère, ses écrits même les moins authentiques, sa vie e ses navigations, avec une carte indiquant les routes*. Lima, 1865.
 - (14). — Henry Harrisse, *The Discovery of North America*. London, 1892.
 - (15). — Henry Vignaud, *Americ Vespuce, sa biographie, sa vie, ses voyages, etc.*, Paris, 1917.
 - (16). — Alberto Magnaghi, *Amerigo Vespucci primo scopritore di Brasil*. Torino, 1941.
 - (17). — Frederick J. Pohl, *Amerigo Vespucci-Piloto Major*. Columbia University Press, 1944.
 - (18). — Roberto Levillier, *American la bien llamada*. Buenos Aires, 1948.

em hipótese alguma que pertencesse a êste genovês a prioridade do descobrimento da América. Atribuíam-na resolutamente a diversos de seus nautas, principalmente aos açoreanos. Depois passaram a acreditar que Colombo de fato descobriu o Novo Mundo, mas... os seus conhecimentos da arte de navegar foram adquiridos em Portugal. Agora vão ao de cabo. Colombo não passa de um legítimo fidalgo português. Para tanto não tiveram o menor escrúpulo em macular a honra de uma donzela, de uma fidalga portuguesa, neta de João Gonçalves Zarco, primeiro donatário do Funchal! Fizeram dessa donzela uma das amantes do infante D. Fernando, neto do rei D. Duarte. Dêste infante concebeu ela um filho que nasceu em Gênova, recebendo o nome de Salvador Gonçalves Zarco, mais tarde trocado pelo de Cristóbal Colón, o verdadeiro Almirante do Mar Oceano! Não desejamos comentar êsse processo “sui generis” de se arranjar para o grande genovês a nacionalidade portuguesa, pois tudo depende do sentido que possam dar àquilo que chamamos escrúpulo. Mas o que reprovamos é o gesto do Sr. Naia em divulgar com indiscreto prazer tal monstruosidade a pretexto de pôr em relêvo, na sua opinião, uma das mais brilhantes páginas da história portuguesa da época dos descobrimentos marítimos, uma vez que o filho bastardo do referido infante, Salvador Gonçalves Zarco, foi o instrumento de que se serviu D. João II para realizar a sábia política portuguesa da expansão ultramarinha!

Não pretendemos abusar da nossa qualidade de redator desta *Revista* para contestar tudo que o Sr. Naia vem escrevendo sobre a historiografia portuguesa dos descobrimentos. Quem a nós estuda com carinho e sem paixão êsse capítulo tão empolgante da História, chega sem o menor esforço à conclusão de que o historiador luso nada mais tem feito que repetir tôdas as fantasias forjadas por um pequeno grupo de chauvinistas portugueses e o que é pior, insiste em querer que degustemos êsse repugnante “café requentado”.

Para que o leitor tenha uma idéia de como são recebidas em Portugal, terra natal do Sr. Naia, as suas divagações históricas, aqui transcrevemos a crítica que sobre o seu livro *D. João II e Cristóbal Colón*, publicou em 29 de agosto de 1951 o jornal *Primeiro de Janeiro*, da cidade do Pôrto:

O sr. Alexandre Gaspar da Naia, oficial da marinha mercante e estudioso da historiografia, publicou, há tempo, um ensaio “Cristóbal Colón”, no qual se propôs demonstrar ter sido o descobridor da América um instrumento da política portuguesa de expansão ultramarina. Napegada do mago decifrador de enigmas, major Santos Ferreira, e do historiógrafo Ferreira de Serpa, aceitou a

hipótese do descobridor da América ser Salvador Gonçalves Zarco, filho do infante D. Fernando. A sua tese é esta: pelo fato de ser português, o chamado Colón procedeu sempre de acôrdo com a política ultramarina de D. João II”.

“O próprio autor reconheceu serem falhos de consistência os seus argumentos e, em refôrço da sua tese, publicou, agora, “D. João II e Cristóbal Colón — Fatores complementares na consecução de um mesmo objetivo”. Este livro é conseqüência e corretivo do anterior, “o qual se ressentiu — — diz o autor no “Preâmbulo” — de alguns lapsos tardiamente percebidos”. Para sanar tais lapsos, o autor leu mais obras sôbre o descobrimento da América e, especialmente, a fantástica “Historie dell Ammiraglio”, de Fernando Colón, filho do descobridor da América, documento sobremodo propício a confusões”.

“Para o autor, o chamado Cristóforo Colombo, nativo de Gênova, “Janério” de seu officio, nascido em 1451, não é o mesmo Cristóbal Colón, grande cosmógrafo e navegador, que teria 28 anos em 1485, conforme disse, em carta, ao rei católico, tendo, portanto, nascido em 1457. Isso confirma, em sua opinião, a ascendência portuguesa do navegador e os seus entendimentos secretos com o primo, D. João II, cuja política serviu, sobretudo ao indicar a linha imaginária fixada no Tratado de Tordesilhas, para separar as esferas de ação, no respeitante a descobrimentos, das corôas de Castela e Portugal”.

“À parte a documentação, respeitante à família Colombo de Gênova, tudo quanto se sabe da vida do descobridor da América foi contado por este, pelo filho Fernando e pelo historiador Las Casas, que lho ouviu. Ora, ninguém desconhece que, tanto o descobridor da América como o filho, eram dotados de prodigiosa imaginação e, propositadamente, baralharam fatos e datas, na evidente intenção de esconder fôsse o que fôsse. Na opinião dos partidários da tese das origens principescas, o que procuraram ocultar foi, precisamente, essas origens. Ora, naquele tempo, a bastardia não deslustrava ninguém e os nobres assinalavam-na com uma banda de través nos brasões de seus pais”.

“Segundo o autor do ensaio, o descobridor da América ocultou sempre o seu parentesco com D. João II, para melhor servir a política dêste, fazendo semblante de servir a Espanha. Tal duplicidade nunca, cremos, fôra atribuída ao descobridor da América. E’ certo ter praticado atos pouco exemplares, exercendo exações e violências desumanas nas terras que descobriu e inventando proezas que não fêz; mas tal vilania com os reis católicos, seus benfeitores, nem o patriotismo a explicaria. No caminho das deduções, ou antes, suposições, o autor vai longe. Avança, sem nenhum apóio documental, que, antes de ir oferecer os seus serviços aos reis católicos, o descobridor da América já tinha estado do outro lado do Atlântico, ao serviço de D. João II. Ora, se assim fôsse, não poderia servir melhor à política ultramarina do seu pretenso primo do que tomando conta dessas ter-

ras em nome do rei de Portugal. Não o fêz quando as descobriu de fato, apossando-se delas em nome dos reis católicos”.

“A crítica histórica teve, e tem, em Portugal, cultores de vulto, que a exercem à luz dos documentos e cujo patriotismo nunca foi posto em dúvida. Se há documentos comprovativos da nacionalidade portugueza do descobridor da América, venham êles. Se não há, não é com deduções fantasiosas e analogias que tresandam a charadismo, como a da interpretação cabalística e anatómica da assinatura ou da sigla do almirante, que se faz a História. Portugal tem glórias bastantes, na epopeia dos Descobrimentos, para não precisar de reivindicar o achamento das Antilhas. Debrucem-se os amadores da historiografia no feito dos Côrte-Reais, que teriam ido à América muitos anos antes de Colombo ou Colón. O seu patriotismo encontrará aí bastante para se satisfazer”.

“O trabalho do sr. Gaspar da Naia, revelador de muito boa vontade e de paciente estudo, mostra precipitação nas afirmações categóricas, baseadas em dados incertos e em deduções que a simples lógica contraria. Não o dizemos, em defesa da tese consagrada do Colombo genovês, pois na crítica histórica não deve haver partidarismos. Quando não há documentos irrefragáveis a comprovar as teses, só pode haver hipóteses. A “Historie dell Ammiraglio” e certas patranhas contadas pelo almirante estão sujeitas a caução, pelo elementar princípio de Direito de que a confissão do réu não prova que praticou o crime”.

*

E’ de se desejar que *Crispim* ao retornar, venha com as suas idéias arejadas, enaltecendo a figura do infante D. Henrique e de seus colaboradores nos descobrimentos ao longo da costa ocidental da África; pondo em relêvo o que fizeram Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e outros famosos nautas portuguezes que desvendaram mares desconhecidos; recapitulando neste momento tão oportuno, a história das guerras e conquistas na Ásia e destacando a figura ímpar de Afonso de Albuquerque; divulgando que apesar da sua escassa população quando colonizava o Brasil, pôde Portugal manter a integridade territorial dêste vasto país, repelindo os ataques de franceses, de holandeses e as pretensões dos espanhóis em se apossar da região sul da então colônia. Isso sim, é cuidar da História, é dizer verdades irrefutáveis que só podem enaltecer a pátria de nossos maiores: Antônio Marcondes do Amaral, nosso trisavô, natural da ilha de São Miguel dos Açores, e Tomás Luís de Souza, nosso avô, nascido na invicta cidade do Pôrto.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.